

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 15 de Junho de 1856

N. 19

LITTERATURA.

Paginas intimas.

XVII

COUSAS SERIAS.

(AO ESCORREGAR DA PENNA.)

Nos quoque gens sumus, et nos quoque cavalgare sabemus.

Que um homem namore com tenção de pronunciar o sacramental — *recebo a vós*, entendo eu, mas que elle passe um tempo precioso em frente das janellas da sua *ella*, exclusivamente para explicar-lhe na linguagem dos namorados (é Hebraico para mim) que voltará d'ahi a pouco, no seguinte dia á mesma ou outra hora — não passando disto e d'alguns sorrisos de cumprimento, é o que nunca pude comprehender. *Demosthenes* ou *Cicero*, esses modelos da eloquencia antiga, que resuscitassem hoje, não me convenceriam de que ha nestas banalidades os encantos e as excellencias que os *pacientes* costumam dar-lhes.

O peor de tudo, não obstante estas idéas, é que já estive por um triz a entrar no numero dos simplorios; devo a minha salvação a um amigo que, sabendo dos meus desejos, disse-me com toda a franqueza: Pois crês ainda que haja mulher que olhe para ti?! Esta verdade amarga e pesada fez seu effeito, e hoje rio-me dos outros. — Quem acompanhar um namorado durante o tempo que tem as idéas preoccupadas com a sua *ella*, quem o seguir dia por dia, hora por hora, quem poder enfim ler as cartas de um e outro genero achará materia para encher centos de paginas; mas pobre do leitor que tenha de

lê-las!... Acho ridiculo que um homem diga em estilo de *Saint Preux estragado* uma multidão de cousas e cousinhas a que *ella* responde *ipsis verbis*.

Ha mulheres, porém, que vão a mais. Mestras no segredo d'agradar, compõem uma carta tão romantica, tão exagerada, tão cheia de reticencias e exclamações, que provocam o riso aos mais indifferentes. Fallam em fidelidade um cento de vezes, repetem uma confissão d'amor outras tantas, e tudo isto recheado de pontos d'admiração, o que junto á letrinha miuda e elegante produz uma excellente vista.

Tenho tido occasião para admirar algumas neste sentido, e confesso-o, se as mulheres se déssem á politica, poderiam redigir notas diplomaticas sublimes! Ou se chamem *Adelaide*, *Angelicas*, *Thomasias*, *Marthas*, *Perpetuas*, &c. &c., lêem todas pela mesma cartilha, e por menos espirito que tenham estou certo que não precisam mendigar das estranhas a redacção das elegantes e perfumadas missivas. Uma cousa porém tenho notado, ainda não vi nenhuma dessas cartas com a orthographia que necessariamente lhes ensinam nos collegios, mas phrases escolhidas e bonitas, teem de sobra.

O estilo pomposo e dramatico é uma das condições especiaes dos namorados, por isso entendo, que aquelle ou aquella que o deixa d'empregar, não tem bom gosto. Quasi todas as cartas amatorias terminam por este periodo: *Recebei o coração terno e apdixonado da mais sensivel das mortaes*; e qual será o homem que lendo um bocadinho tão precioso não responda com outro ainda mais... mentiroso... E porque não mentiroso, se ellas repetem-no ao segundo com o mesmo fogo, com a mesma verdade e franqueza?! Concluo d'aqui que o tal periodo é tão clas-tico como a consciencia de alguns senhores que

disputam as oblações e o respeito da sociedade em que vivem. Ha outra cousa que me faz crêr na minha primeira idéa, a *guarda avançada* que acompanha os namorados são as cartas que dirigem mutuamente. Pois bem, a que parte em primeiro lugar da *linha* feminina, tem relação na linguagem com as outras que dirige mais tarde para a *linha* masculina; supponho que *ellas* se empregam exclusivamente em estudar a maneira porque poderão entreter cinco ou seis *praças* a um tempo, e d'ahi nasce a relação entre essas cartas.... Eis aqui o resultado do estudo que tenho feito sobre ellas. *As excellencias* d'uma carta de namoro estão no papel bordado. Não fallo nas *senhorias* porque cheiram a *dona agulha*, e como taes contentam-se com qualquer papel. A *alteza* está no mesmo papel bordado, mas é necessario que o acompanhe um raminho de varias côres no principio delle. Seguem-se depois os aromas e perfumes, condições necessarias para este subido tratamento,

Se algum dia namorar (do que Deos me livre) hei de escolher uma *alteza* de sobrado para me obrigar a trazer o pescoço sempre levantado, é uma posição bastante incommodativa, mas posso descobrir algum *planeta* ao qual reserve o nome da minha *ella*, e então a posteridade é nossa....

Tinha muito que dizer a este respeito, porém a hora está adiantada, e vejo com espanto que o leitor é perseguido por continuos abrimentos de boca; é forçoso concluir; que pena! agora que a leitora começava a achar interesse nestas *pagina-nas*! Paciencia, sirva esta decepção de *corolario* ás muitas pragas que me tendes jurado.... ora, estou brincando; pragas de moça são pedidos de anjo! E então? não conclui com um paradoxo?... Faça ponto, senhora penna.

Rio, 15 de Junho de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

SUSPEITAS.

O doutor Rego costumava levantar-se ao primeiro arrebol matutino. Era um habito tão antigo e arreigado, que não havia nada que fizesse esquecel-o. Dado ao estudo, elle empregava a madrugada nesse passatempo, e haviam dias em que era mister arrancar-l-o ás suas lucubrações.

Luiza vinha reclamar a benção paternal, pas-

sava alguns minutos com o doutor, e retirava-se. Ella sabia por experiencia que seu pai não gostava de ser importunado quando estudava, por isso aguardava o resto do dia para prodigalisarem mutuamente essas ternas caricias intimas e religiosas, que Deos reservou para o pai e filho.

Bem longe de suppôr que Luiza tivesse sido raptada, o doutor não prestou attenção á falta da visita matutina e demorou-se no seu quarto até ás oito horas da manhã.

O tio Cardoso viera para cumprimental-o; respeitador submisso dos habitos domesticos dos estranhos fôra passear pelo jardim, porque achara a porta do quarto fechada, o que dava lugar a crer que o doutor dormia, ou o mais provavel, que elle não desejava ser incommodado.

Após aquelle veio seu irmão; e pouco depois Henrique. Como o primeiro foram para o jardim.

— Esperava encontrar aqui a interessante Luiza, disse elle para seu tio; as moças tem uma predilecção particular pelo perfume das flores que despertam ao chilrar dos passarinhos, que celebram o apparecimento d'aurora.

— E' verdade, respondeu aquelle, sorrendo magestosamente uma pitada; mas a par dessa predilecção vem de tempos a tempos a preguiça. Não pretendo dizer com isto que Luizinha seja preguiçosa; faço esta observação porque te vi franzir o sobr'olho.... aposto que estás namorado?....

— De Luiza?

— Não, d'um lugar de *Juiz de Paz*, é a ambição dos bachareis que deixam a Universidade.

O tio Cardoso olhava de revez para seu sobrinho, e entre si se regosijava da sua ironia.

Henrique encolheu os hombros, e não respondeu.

— Que bello lilaz! exclamou elle após um momento de silencio; hei de pedir ao dono da casa um enxerto desta arvore.

— Fazes bem, meu rapaz; dou-te de conselho que em lugar da magistratura empunhes o regador.

— Começa cedo, meu tio; consinta porém que lhe observe que depois d'almoço fará pessima digestão.

— Comprehando-te, queres que reserve para então aquillo a que chamas ironia pungente; descança, hei de satisfazer-te alem de teus desejos.... Que excellente voz tem o nosso amigo Carlos! a proposito queres visital-o?

— Fal-o-hia senão tivesse a certeza de o ver em poucos instantes.

— A elle não, mas o preto sim, olha,

O tio Cardoso indicava uma das ruas do jardim por onde se aproximava Domingos.

Este chegou depressa ao lugar em que estavam os dous interlocutores, e cumprimentando-os com respeito, disse, fallando com Henrique :

— Meu senhor moço mandou entregar-lhe esta carta ; não tem resposta. E cumprimentando-os de novo retirou-se.

O tio Cardoso deu uma gargalhada ; a gravidade do preto, a surpresa de seu sobrinho lhe desafiára o riso.

— De que se ri, meu tio ?

— Da engraçada figura que estás fazendo ; quem te vir nesse bello estado dirá que acabaste de receber um R.

Henrique abriu a carta e leu.

Aquelle espiava-lhe todos os movimentos.

— Heim ? exclamou o importuno tio ; parece-me que as novas não são das mais agradaveis !...

Assim era. Henrique dava signaes de agitação á maneira que lia ; seus olhos, até ali tão francos e expressivos, brilhavam d'indignação.

— O que temos, Henrique ?

— Lêa, meu tio. Este ia a tirar os oculos.

— Não, lerei eu mesmo.

E começou :

« Meu charo doutor.

Escrevo-lhe, agitado de mil diversos pensamentos. O coração advinha-me uma desgraça, e para a evitar necessito de toda a minha coragem. Diga a Luiza que me ausento destes lugares por algum tempo. Circunstancias imprevistas reclamam a minha assistencia em outra parte. Sei que não ignora o meu segredo, amo Luiza, e ella retribue-me esse amor. E' por isso que lhe peço que a console durante a minha ausencia ; e que a rodêe desses cuidados e carinhos que podem mitigar a saudade. A outro que não fosse o Sr. guardaria a confissão d'este segredo ; mas os poucos instantes que passei a seu lado convenceram-me de que me dirijo a um homem honrado, e de nobres sentimentos. Desculpe-me com seu pai e tio ; e creia que sou

« Seu sincero amigo

« CARLOS PINHEIRO. »

— E então, que conclues tu desta carta ?

— Que algum grande perigo ameça Luiza.

— Ora, não será tão importante, que possa tirar-me o appetite.... Se chamassem.... para o almoço.... terminou o tio Cardoso sorvendo outra pitada.

Continúa.

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

(Continuação.)

CAPITULO V

Agora indagaremos a razão por que foi Frederico chamado á bordo do navio *Fernando I*, com tamanha urgencia.

Luiza, que havia ficado quasi toda a noite sem poder dormir só com o pensamento na carta do doutor Lima, mal que a luz do dia veio ledamente transpondo os vidros da janella do seu aposento, chamou Margarida que a ajudou a vestir, e depois apoiada no seu braço, se dirigio para a sala da frente, e ahi se assentou no sofá.

Não tardou muito que Alfredo a precedesse, mas em lugar de saber de sua saúde, olhava-a de revez, o que Luiza não deixava de notar ; e a resposta que lhe deu, foi os bons dias, a que elle não quiz corresponder !

Luiza conservou-se então em profundo silencio, até que Alfredo abandonou a sala ; e como a joven não tivesse de quem se queixar, senão de si propria, levantou as mãos ao céu e disse :

— Bemdicto sejais, meu Deos !...

Ouviu-se neste tempo um rumor surdo no fundo do corredor, e Luiza mandou logo saber por Margarida o que seria, e ella trouxe-lhe em resposta, que o Sr. Alfredo tinha sido preso, e conduzido á cadeia.

E defeito, o doutor Lima conseguira por meio daquella carta entregar Alfredo á policia !

Vejamos, elle vai agora entrando na sala dos interrogatorios ; o juiz de paz está assentado, e ao lado esquerdo o seu escrivão ; mais além em um banco comprido está o doutor Lima, junto um moço dos seus dezoito annos, bem parecido, trajando calça de brim branco, e jaqueta de riscadinho azul, e um bonet na mão ; logo sabemos quem é, e a razão por que ahi se acha.

O juiz interrogou a Alfredo por este modo :

— O Sr. como se chama ?

— Alfredo Marques da Silva.

O escrivão foi tomando nota, e o juiz continuou :

— O Sr. em que se occupa !

— Agora, a responder a V. S.

— Não lhe pergunto por isso, retorquiu o juiz enchendo ambas as bochechas, cu pergunto de que vive o Sr.

— Eu, Sr. juiz, negoceio com tudo que me póde dar algum ganho, como seja, dinheiro a premio, sobre penhores, &c., &c.

O juiz tirou uma carta da gaveta da mesa e abrindo-a, perguntou a Alfredo deste modo :

— O Sr. escreveu esta carta ao Sr. doutor Lima ?

— Ignoro o conteudo d'ella, disse Alfredo com toda a presença de espirito.

O juiz deu-a ao seu escrivão para ler, e dizia o seguinte :

« Meu amigo doutor. Tens percebido o quanto minha mulher me incommoda, está continuamente doente, fazendo-me despezas immensas, e sempre é um empecilho que tenho para me não deixar realisar certo projecto que hei em vistas ; portanto a divina medicina tem muito poder, não sei se me entendes, doutor, mas fallando-te mais franco, tens dous contos de réis no mesmo dia em que lhe mandar abrir a cova. Bem sabes que estas cousas se costumam fazer politicamente, porém debaixo de muito segredo. Vê que dous contos de réis se não ganham hoje com facilidade, por isso pensa bem, e lucrarás.

« Sou teu venerador e criado

« ALFREDO MARQUES DA SILVA.

— E então o que diz a isto ? lhe disse o juiz em tom severo.

— Sr., isto é tudo uma calumnia... uma accusação sem principios, é uma vingança contra a minha pessoa !

— Mas o Sr. não conhece a letra d'esta carta ?

— E' para mim inteiramente desconhecida.

— E não attribue a alguma pessoa de sua inimizade ?

— Sim, Sr. juiz, ao Sr. doutor Lima, por quanto está indifferente commigo, por causa de ter tentado seduzir a minha mulher.

— Não tem mais nada a depor em seu abono ?

— Por emquanto nada tenho.

— Pois então pode ir assentar-se naquelle banco, indicando-lhe um banco que estava ao pé da porta, quasi defronte do doutor Lima.

Foi pedida a primeira testemunha, e apresentou-se Jorge, esse mancebo que se achava perto do doutor, o qual aguardou com socego a interrogação.

— O Sr. como se chama ?

— Jorge de Meirelles.

— Diga o que sabe respeito á carta que foi dirigida ao Sr. doutor Lima.

— Essa carta, Sr. juiz, fui eu o encarregado de a levar ao Sr. doutor Lima.

— E quem foi que o encarregou ?

— Foi o Sr. Alfredo Marques.

— E vio escreve-la ?

— Vi, sim Sr.

— E que recommendação lhe fez o Sr. Alfredo quando lh'a entregou ?

— Disse-me que a não entregasse se não ao Sr. doutor Lima.

— E nada mais sabe a esse respeito ?

— Não, Sr.

— Pois não sabe se já existia alguma inimizade entre o Sr. Alfredo, e o Sr. doutor Lima ?

— Não, Sr.

— Conhece a letra do Sr. Alfredo ?

— Sim, Sr.

— Esta será a letra d'elle ? mostra-lhe a carta.

Jorge depois de examinar a letra do sobrecripto : — Sim, senhor, é esta a carta que elle escreveu e é esta a sua letra.

— Póde sentar-se.

Chegou a vez do doutor Lima, que depois do juiz lhe fazer muitas perguntas, e receber muitas justificações para esclarecimento da verdade, tambem se retirou.

Alfredo, depois de terminar o depoimento das partes, foi conduzido immediatamente á prisão.

O crime estava provado ; e nada mais restava a Alfredo do que uma idéa vingativa, e mal que desceu os degraus da prisão, todos os seus cuidados foram enpregados nella.

(Continua)

M. L. MACHADO.

A Providencia.

(Continuação.)

Tudo no vasto imperio da natureza tem conexão, nenhum objecto da criação é inútil e sem destino, as destruições e desordens apparentes da natureza devem fazer-nos remontar a Deos, que nada creou nem conserva, sem motivo, o que se permite a destruição d'algumas creaturas, não é em vão. Quantas cousas nos parecem elementos de desordem e destruição, e que, entretanto, as locubrações dos sabios e dos naturalistas teem verificado serem elementos d'ordem e conservação ? O frio, por exemplo, que sendo intenso, tanto nos incommoda, é sobre modo necessario, favorece a transpiração insensivel, a qual purifica o sangue e augmenta o appetite.

Quando a natureza enlutada nos offerece esses

phenomenos assombrosos, essas peripecias, para assim dizer, *bello-horriveis* do drama solemne da tempestade, com seus trovões ribombando, com seus tufões violentos e horriveis açoutando a pousada do homem, com seus raios sinistros jorrando das nuvens, serpeando nos ares, mensageiros fataes do incendio e da morte, releva, que memoremos a sua utilidade, e que contrapeseemos os estragos que ella causa a uma pequena parte do universo, com as vantagens que nos procura. A natureza do ar e de toda a atmosphaera torna necessarios estes phenomenos. « *As partes salinas e sulphuricas, diz um sabio Allemão, que empregnam a atmosphaera, sendo arrastadas pela chuva, tornam-se em optimo alimento para as plantas, e a multidão innumeravel de vermes, sementes e insectos, que as aguas precipitam, e que se divisam com o auxilio do microscopio nas gottas d'agua, contribuem efficaamente para a fecundidade da terra. Sem a tempestade, observa o mesmo sabio naturalista n'outra parte as exhalações deleterias e mortiferas se multiplicariam e corromperiam muito mais, e os homens e os animais morreriam aos milhares, uma peste universal teria convertido a terra em um hospital e cemiterio: » A neve, que tão ingratamente nos impressiona, é de nimia utilidade, fertilisa o solo, e o que pareceria incrivel se os naturalistas o não asseverassem, preserva a terra da impressão do grande frio. Os volcões, cujas lavas inflammas rebentando da cratera subvertem e sepultam cidades, fazendo-as desaparecer dos mappas, assim como Stabia, Herculanium e Pompeia, victimas da voracidade do Vesuvio, se não lhe percebemos sua importancia e utilidade directa, sabemos entretanto que são necessarias á structura do globo, porisso que, estando as entranhas da terra cheias de fogo, tornam-se precisos estes orificios e respiradouros, por meio dos quaes despenhando-se suas lavaredas e jorrando suas lavas se enfraquece e attenua a acção de tão terrivel elemento. Os animais nocivos e as plantas venenosos, a despeito dos males que produzem, reconciliam-nos com a Providencia, se bem os examinarmos, os animais maleficos respeitam o homem e é rarissimo que elles o ataquem sem que os irritem ou os aggridam. Muitos animais dos mais perigosos e peçonhentos, tem em si o remedio de seu proprio veneno: sirva d'exemplo o oleo do scorpião, antidoto infalivel contra as suas mordeduras, a abelha esmagada posta sobre a parte ferida e a gordura da vibora, remedios evi-*

dentos contra o mal que causaram. O veneno e os órgãos de que elles se servem para ferir são-lhe extremamente necessarios. Assim, a serpente, animal timido, de lentos movimentos, não existia, se não tivesse a propriedade de ferir mortalmente a sua preza.

As abelhas sem o ferrão, que para nós é muitas vezes instrumentos de dôr, não poderia extrahir o succo das flôres, nem consequentemente mellificar, &c. Emfim, tudo o que na natureza nos parece inutil ou nocivo, encerra uma utilidade indispensavel. Muitas creaturas animadas, perigosas para nós, servem d'alimento ou de remedio a outros animaes. E é assim que, certos passaros comem aranhas, que as cegonhas gostam excessivamente de certas especies de serpentes, que a cobra come o sapo, a doninha o rato, o chalro vermes e insectos venenosos. Os animaes e aves de preza restringem o numero dos animaes nocivos, alem de que, devemos-lhe a dilatação da vida, porque alimentando-se de cadaveres de animaes e de corpos nidrosos, livram-nos da infecção, que essas materias corruptas teriam de communicar á atmosphaera, envenenando o ambiente. Em quanto ao veneno de que acima fallamos, é assás conhecido esse verso de Racine filho, no seu poema, a *Religião*.

« *Notre art des poisons même emprunt du secours.* »

A cicuta, havida na antiguidade, meramente por um veneno lethifero, é hoje considerada como proficua a certas doenças; e assim muitas outras substancias venenosas, que tem sido reclamadas pela medicina. Do que levamos dito, se infere, que todas as cousas no globo consideradas em si mesmo são boas e salutaes, se algumas vezes são nocivas, ou é pela ignorancia em que laboramos a respeito de suas propriedades, ou porque dellas abusamos, dando-lhes um emprego inteiramente estranho ao seu destino.

Continúa.

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Pensamentos.

Estou triste, se me perguntarem a razão por que, não saberei responder. Ha circunstancias na vida que obrigam o homem a esquecer-se da sua posição real, para se lembrar que pertence ao mundo, e esse mundo é egoista bastante para poder consolar uma dôr qualquer. Muito embora hajam d'esses felizes momentos em que a mente

nos desenha, n'um colorido brilhante, as mais bellas e risonha flôres, ha outros em que o nosso espirito é obrigado a percorrer uma distancia tal, cuja lembrança é capaz de nos forçar a retroceder. A vida é encadeada por um conjuncto de circumstanças mais ou menos favoraveis, mas a realidade é quasi sempre bem cruel. Depois, no meio de tantas e tão variadas phases, o egoismo vem matar os sentimentos uns apoz outros — tornando-os eviternos. O fim apparece pouco a pouco, mas tão adulterado, que se quizermos lançar uma vista d'olhos para o passado, não acharemos vestigios do pouco que reunimos n'um ponto fixo. As affeições que adquirimos na infancia, são esquecidas, vem outras disputal-as, e devido a esse egoismo cego, esquecemos em breve as primeiras. A ausencia d'ellas deixa um vacuo em nosso coração, preenchemos-lo d'affeições mercenarias, semelhantes á flôr que murcha ao mais pequeno sopro d'um vento nocivo. Ha um brilho falso que offusca, nossos olhares seguem-no como uma attracção magnetica; destruido o prisma olhamos para o passado com uma especie de amargo pezar.

E' por isso que a pouca estabilidade d'estas cousas não pôde constituir uma felicidade invejavel, um pequeno principio da excepcionalidade com que sonhamos. Estas consequencias imprevisitas produzem um mal cujo germen está no egoismo que tomamos por unico movel das nossas acções. Nada dessa pureza primitiva que Deos concedeu aos antigos Patriarchas, nada dessa invulnerabilidade que podia tornar o homem uma arvore gigante, enraizada por tal fórma, que pudesse arrostrar com todas as tempestades; concluo d'aqui que o unico meio de consolidar as causas com os effeitos, é dar ás cousas um character tal, que possa conduzir-nos ao complexo de tantas idéas que combatemos quasi sempre infructuosamente.

Porto, 15 de Abril de 1856.

JOÃO RODRIGUES DE XAVIER PINTO.

POESIAS.

Parodia.

Se eu fora, Ocarlina, mimosa avésinha,
Que leda nos bosques só vive a cantar,
Deixando ligeira, raminhos viçosos,
Quizera contigo sómente habitar !

Se eu fora um malvado que causa terrores,
Ao ver-te em brandura me havia tornar ;
Se eu fora uma brisa fagueira quizera,
Teus labios de rosa com gosto beijar !

Se eu fora floresta, que flores tivesse,
Nas flores, quizera, que fosses tocar ;
Se eu fora velludo, setim, ou cambraia
Teu corpo engraçado quizera enfeitar !

Se eu fora brilhantes ou mesmo amethystas,
Pendendo em teu rosto, quizera brincar ;
Se eu fora opulento daria meu ouro
P'ra tuas bellezas somente gosar !

Mas eu não sou ave, nem brisa fagueira,
Brilhante, opulento, malvado, nem flor ;
Sou homem que soffro crueis agonias,
Que todo me abraso por ti só de amôr.

Macahé.

ANTÉRO DIAS LOPES.

Saudade.

O. D. C.

A' ILLMA. SRA. D. L. M. F.

Saudade, tu és a flôr
Em meu peito consagrada,
Exprimes acerba dôr
Da minha alma consternada !

E's triste não tens odor,
Mas que mysterios revellas !...
Quantas lagrimas de amor
Derramadas por donzellas ? ! ...

Rôxa e pállida é tua côr,
São tuas folhas luctuosas,
Mostram peito gemedôr
Das esposas lacrimosas.

Não tens o lindo explendôr
Da rosa, nem o seu brilho ;
Mas exprimes o amargôr
D'infliz mãi que jaz sem filho.

Revellas entre o primôr
Com que brilham flores bellas,
Quantas magoas do viajôr
Que se perde entre as procellas ?

Quando o orvalho do Senhor
Em tua c'rola se derrama,
São lagrimas do cantor
Longe de tudo quanto ama.

FRANCISCO D'ASSIS FERREIRA AMORIM.

Um anjo.

Vi um anjo que tão bello
As suas graças mostrava!...
Não era anjo era fada,
Que com doçura encantava.

Sua têz alva e mimosa,
O seu collo de marfim,
Um sorriso fascinava
Em seus labios de carmim!...

Era bella como a rosa
Tão pura ao desabrochar!...
Era terna como a lua
No firmamento a brilhar!...

Oh! não pude resistir
Aos farpões que me lançava,
Ante o seu olhar tão meigo
Eu cativo me curvava!

Ah! recebe, oh! nimpha bella,
De tua victoria a palma,
Que a tua rara belleza,
Fica gravada em minh'alma!

Março de 1856.

DEOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

A noute d'esfolhada.

OFFERECIDO Á MINHA IRMÃ A. J. M.

Escutai. lindas donzellas,
Minhas trovas de folgar,
Escutai-as, pois tem graça
Entre vós a esfolhar.

E' mui bella e clara a noute
Adornada de luar;
Torna alegre o pensamento
Entre vós a esfolhar.

Como é doce estar da lua
O seu brilho a contemplar;
Como é bello estar aqui
Entre vós a esfolhar!

Ai, donzellas tão formosas,
Quem podéra sempre estar
Gosando tantos encantos
Entre vós a esfolhar.

M. LEITE MACHADO.

O teu destino.

AO MEU AMIGO O SR. JOSÉ ANTONIO DE LYRA.

Os dias felizes que outr'ora gosei
Não posso, poeta, jámais olvidar,
Mas pouco duraram os tempos ditosos
Em que eu te via a lyra vibrar.

Eu era feliz e tu eras ditoso,
Tu hoje és feliz e eu sou desgraçado;
Tu vives sorvendo d'amor as delicias,
Eu vivo no mundo carpindo meu fado.

Tu tens o sorriso da bella que adoras
A corresponder a teu meigo olhar,
Em seus lindos braços, cadêas d'amor
Teu corpo d'Adonis se vai enlaçar.

A' vante, poeta, na senda que trilhas,
Não deixes a lyra do ouro ou marfim;
Que Deos te mandou em um raio do sol
E o éstro nas asas de um cherubim.

As tuas canções de amor extasiam,
Teu estro sublime, respeito inspira;
Das bellas amado, dos homens querido,
Tal é—teu destino brilhante—meu Lyra!...

Rio, 13 de Maio de 1856.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

Junto do berço.

Dorme, dorme, filha minha
Dorme, dorme, innocentinha,
De que serve o despertar?
Oh! dorme, sim, por que a vida
E' illusão fementida,
Encantos não pôde dar.

Dorme o somno da innocencia,
E essa primaz essencia,

Filha, não queiras perder ;
Dorme bem, porque teu berço
E' mui lindo, e eu careço
Teu bafejo receber.

Dorme bem horas inteiras,
Que eu velarei;—mui fagueiras
Ellas serão, — innocente ;
Vélo sempre queridinha,
Vélo sempre, filha minha,
Vélo por ti mui contente.

Eu sou mãe — o meu amor
E' tão doce como o olor
Da rosa do meu jardim ;
Eu t'embalo satisfeita,
E' um prazer que deleita
Oh ! meu lindo cherubim !

Qu'importa qu'eu inda vele
Quando ali já se revele
Da manhã o primo alvor ?
Velarei por que sou mãe,
E não é dado a ninguém
Disputar o meu amor.

Dorme, dorme, queridinha,
Dorme, dorme filha minha
Que aqui estou para velar ;
Eu seu mãe — o meu condão
E' dizer do coração
Que verci teu despertar.

E sorrisos d'alegria
De teus labios sahirão,
Com sorrisos pelo dia
Doces horas passarão ;

Venha a noute com seu manto
Tuas palpebras cerrar,
P'ra que durmas — lindo canto
Junto ao berço hei de cantar.

Rio, Maio 15 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

VARIÉDADES.

As flores vorazes.

Dizem os naturalistas que ha flores lindissimas, tanto no cambiante das côres como na elegancia de formas que são nada menos do que feios bichos. Tornam-se flores para attrahir e engolir outros bichitos menos expertos que se fiam em apparencias. Vós, leitores, já vistes as flores

vorazes ? — Aposto que sim, ainda que aposteis que não.

As flores vorazes mais *corriqueiras* que tendes visto são certas damas, que tambem não são mais que feios bicharocos, mas que tanto se enfeitam, tanto se pintam, tanto se arribicam e taes meneios usam que attrahem os patinhos, os quaes se de todo não vão mastigados e engulidos, vão muito bem chuchadinhos e ficam chatos como pratos.

Ha outras flores vorazes, talvez tão numerosas e de igual seducção. São as commendas — Ora esta? Deixemos o nome que parece que está commendo.

Vamos aos factos. O pobre logista que trinta annos trabalhou, que lhe esmurraram o nariz cem vezes para lhe ensinar a dar lucro á casa, quando caixeiro, que, depois de amo, por sua vez, escangalhou os queixos a muitos de seus famulos (coitado !) e que por fim juntou uma centena de contos, este homem por seus peccados encontra um dia uma flôr voraz sob a forma de uma commenda... E elle a dar-lhe !

Onde colloca o homem a commenda ? — Na casaca, responderão. Onde colloca o homem a commenda ? Na casaca, por cima do collete, por cima da camisa, por cima do pello, por cima das costellas, por cima do coração. — Olhem que resposta !

Colloca-a mas é na casaca mesmo em cima do bolso, onde existe a carteira. A flôr é um cancro que lança raiz na carteira e não no corpo e devora... casas para a dignidade de commenda, carros idem, jantares idem, subscripções idem &c. &c. As dragonas de official da guarda nacional tambem são flôres vorazes e cancro que come jantares ao commandante superior, novas bandeiras, fardamento, musica &c. As dragonas de alguns generaes (salvas muitas, muito honrosas e muito independentes e patrioticas excepções) igualmente são flôres vorazes... dos cofres nacionaes. Estas *somente* pelo feitio e côr imitam o giraçol, e tambem porque se voltam para o sol. O penacho dos ditos generaes imita um catavento... Isto não vem para o caso. Nunca gostei de artigos compridos, e este já é longo de mais para fazer dormir os leitores. Se tal secceder não se espantem porque sou

O NARCOTICO.

RIO DE JANEIRO— TYP. DE F. A. DE ALMEIDA,
Rua da Valla n. 111.